

Tempo é dinheiro, o resto é silêncio

Pedro Lusz*

Resumo: Apontamos o facho de luz de nossa leitura para a segunda metade do século XVIII, como ponto motor de transformação das práticas sociais na lida com a natureza e com as atividades de produção, quando o sistema capitalista em crescimento apropriou-se do tempo e o transformou em mercadoria e lucro. Seguiremos alguns eventos que impulsionaram nossa relação com o trabalho e com o lazer, perpassando as transformações advindas da aceleração e posterior digitalização do tempo, submetendo-nos a uma silenciosa servidão contemporânea.

Palavras-Chave: Tempo, capitalismo, dinheiro, lucro, servidão.

Introdução

Faz-se necessário evidenciar que nesta leitura o *silêncio* não se refere à ausência de sons, mas à aceitação apática com a qual nos deixamos aos caprichos do consumismo, ferramenta máxima do capitalismo na obtenção de lucros.

Este artigo tem como objetivo provocar e sustentar um debate sobre o tempo, o trabalho e o lazer em nossa sociedade. Urdiremos esta trama, falando de uma encruzilhada com duas direções, para início de nossa conversa. A primeira é a pressão exercida pelo sistema capitalista, em nossa sociedade contemporânea, sob a qual entregamo-nos ao trabalho. A segunda é o poder devastador desta pressão em nossa memória sufocando-nos numa entrega passiva ao esquecermo-nos de algo fundamental à nossa saúde física, mental e social: o lazer. Sentimos que há uma certa urgência chamando-nos a esta conversa, pois não podemos negar, com sensatez, que o

* Acadêmico de história (quarto semestre), Centro Universitário de Brasília –UNICEUB – luszdobrasil@gmail.com

sistema voraz que nos governa e desgoverna, o capitalismo, tomou posse também do que nos é dado de uma maneira natural: o tempo.

Naquele momento, a sociedade entrava em ebulição, sacudida pelas inúmeras transformações com as quais uma complexa engrenagem, compreendida por uma revolução gerida por interesses de vários tentáculos do mercado: transformação do modo de produção, usurpação de terras, expulsão de trabalhadores de suas bases, chamamento às cidades. Tudo isto unia-se à Revolução Industrial, à invasão de terras e povos em várias partes do mundo forjando as bases deste sistema capitalista que buscava o lucro acima de tudo. É neste momento que a história de nossa sociedade passa a ser narrada e vivenciada em velocidade acelerada, num crescendo assustador. É quando os motores das máquinas assustam e começam a dominar o tempo que, não encontrando espaço nos trilhos do progresso, rende-se aos empurrões da ganância que tem pressa e parte no primeiro cavalo que encontra, a galope, aceleradíssimo. Este momento representa uma transformação, uma ruptura nas práticas sociais e altera, com muita força, as estruturas sociais (Koselleck, 2006: 135).

Nosso desafio será tecer, com dispositivos e conexões da história, da economia, da sociologia, da literatura e da filosofia, uma rede interligando peças das engrenagens, das estruturas com as quais o capitalismo conseguiu transformar-nos em servos contemporâneos. E, como debateremos neste artigo, servos produtivos, obedientes, quase sempre subservientes ao ponto de tornarmo-nos guardiões dos interesses do sistema lucrativo ao qual servimos. Bastando para isto a ameaça das ações sorrateiras do mercado, provocando e mantendo um clima de competição e de guerra, onde todo mundo representa um perigo do qual todo mundo precisa defender-se, sem sequer questionar a existência real deste perigo. Bem! Neste momento vem o alívio, pois o capitalismo gera o medo, o desequilíbrio e, com uma sagacidade sofisticada e lucrativa, coloca à disposição de quem puder pagar por estes, uma gama infinda de produtos para a segurança de tudo contra tudo. O que se sabe, mesmo tentando ignorar, é que trata-se de uma solução falsa, necessária apenas neste imaginário quase neurótico no qual a pessoa perde-se nesta contemporaneidade egoísta e individual, onde uma multidão pouco exigente contenta-se com as promessas e finge gozar enquanto durar a espera (Bauman, 2008: 64). Mas, é preciso seguir em frente. Este assunto de segurança, individualidade, pode esperar, ou ser

debatido em outro artigo, quiçá até mesmo num livro, um sítio digital, afinal, tempo é dinheiro e devemos gerar lucro. O resto? Ora, ensinam os dispositivos opressores, capitalistas e conservadores que o resto é silêncio. Afinal, como sustentam as doutrinas da desinformação, silêncio é uma virtude. Sim, a sociedade segue as ordens do capital, gerando lucros e, quase sempre, apática, numa entrega silenciosa!

Começaremos aqui com a pergunta necessária a esta conversa: como se deu, por parte do capitalismo, esta apropriação do tempo, transformando-o em mercadoria lucrativa para poucos e opressora para bilhões de seres humanos? As palavras deste artigo cutucarão os dispositivos e estruturas possíveis para que o silêncio não seja a resposta a esta pergunta.

Faremos uma leitura sobre nossa relação com o tempo, com o trabalho e com as engrenagens do capitalismo, que nos empurram, cada dia com menos respeito, às garras de uma perversa e bem arquitetada servidão contemporânea e esforçar-nos-emos para direcionar o fecho de luz de nossa leitura para esta e outras inquietações.

Sustentamos a relevância deste debate nos nossos dias e teceremos nossa trama com atenção cuidadosa, para que estes pontos possam cutucar nossa sociedade, mostrando-lhe as perdas das quais é vítimas, que a transformou em presa frágil, fácil e útil, principalmente quando descuida-se e torna-se uma multidão colaboradora do sistema que saqueia até mesmo o direito de acreditar que se tem direitos. Poderemos, no entanto, observar os passos e as vozes que precederam-nos e encontraremos desafios parecidos com os que hoje nos atormentam e poderemos basear nossa marcha em atos e movimentos daqueles dias nem tão distantes assim desta nossa leitura. Assim sendo, para que este tecido seja bem urdido buscaremos conexões com os resultados das lutas de dias passados, pois acreditamos que serão provocações importantes no fortalecendo de nossa posição crítica, com informações responsáveis, para posicionarmos-nos frente aos desafios que afrontar-nos-ão em nossa marcha, se possível, para o futuro (Martinho, 2011: 187).

Nossa complexa relação com o tempo, com o trabalho e com o lazer.

As leituras com as quais dialogamos, nas urdiduras da filosofia e da história cultural, além de tantas outras linhas possíveis, apresentam o tempo como um contexto histórico. No entanto, todas as discussões travadas com sensatez, teimosia e

obstinação, até nossos dias, não foram eficazes, não foram ouvidas. O tempo, desde o momento que o transformaram em instrumento de dominação e de exploração da força de trabalho (Thompson, 1998: 268), tornou-se uma quase entidade a atormentar o imaginário das sociedades, mantendo-as encurraladas em seus próprios medos. É neste ponto que, com sua esperteza veloz, destemido e incapaz de reconhecer obstáculos à sua voracidade, o capitalismo pressentiu no tempo uma mina de produção de riquezas. Vai daí que, considerando a Revolução Industrial como a revolução do modo de produção, a revolução do sistema de aproveitamento da terra como principal fonte de lucros, naquele início de projeto e até nossos dias, a revolução das relações da sociedade com as coisas às quais se pode creditar valor monetário (Wood, 2001: 33), desponta-nos a possibilidade de estarmos então falando de uma Revolução Capitalista. Desta forma, é natural creditarmos a esta Revolução o sucesso jamais alcançado ou sequer cobiçado por outro movimento, tão duradouro são seus sinais e longo o alcance de seus tentáculos. Este sistema capitalista procedeu de maneira eficaz e avassaladora, modificando hábitos, alterando estruturas, desmantelando práticas culturais, obrigando as pessoas a se enquadrarem em experiências às quais nem todos e todas adaptaram-se. Desta forma, este sistema tomou força e agiu, sem deixar brechas a dúvidas e reações contrárias. Um momento que remete-nos aos apontamentos de Giorgio Agamben.

Toda concepção da história é sempre acompanhada de uma certa experiência do tempo que lhe está implícita, que a condiciona e que é preciso, portanto, trazer à luz. Da mesma forma, toda cultura é, primeiramente, uma certa experiência do tempo, e uma nova cultura não é possível sem uma transformação desta experiência. Por conseguinte, a tarefa original de uma autêntica revolução não é jamais simplesmente “mudar o mundo”, mas também e antes de mais nada “mudar o tempo” (Agamben, 2008: 111).

Assim sendo, cremos que podemos sim creditar a bem sucedida e lucrativa durabilidade desta Revolução Capitalista à perícia com a qual este sistema apropriou-se do tempo e de tudo que a ele pode-se conectar e dele ser desconectado. Contudo, mesmo se aceitarmos esta revolução como definitiva, até que a história nos brinde com outro movimento possível, as lacunas insistem em dar o ar de suas desgraças. Surgem, pois as inquietações.

Com as conquistas tecnológicas, o aumento da produtividade, o aprimoramento na utilização dos solos e consequente crescimento na produção de alimentos e fortalecimento do capitalismo, poderíamos afirmar que estamos vivendo uma época de abundância. Será? Estando o mundo entulhado de máquinas sofisticadas e caras, nossa sociedade consegue produzir o suficiente, trabalhando menos? Em poucas palavras, estamos mais felizes? Nos divertimos mais? Se palavras frias, técnicas, manipuláveis, como nos ordena o capitalismo, pelas estratégias de seus agentes midiáticos e publicitários, fossem aqui usadas, um sim com letras grandes seria a resposta a todas estas perguntas. Contudo, sabe-se que seria uma afirmação falsa, insossa. Daí, não. Estas questões precisam de respostas contestadoras, que as desconstruam, até porque, é preciso responder também à próxima provocação: que espaço o lazer ocupa na vida das pessoas, na chamada sociedade contemporânea? Neste ponto, todo cuidado parece insuficiente, pois estamos diante de uma espécie de monstro, de potência assustadora, fonte de doenças ocupacionais, mentais relacionais e sociais. Um monstro representado pelo mercado, agente do capitalismo, que dá trégua apenas para quem gera mais lucros, mesmo quando imagina-se no gozo de um merecido descanso. Neste momento, antes do descanso desejado, a pessoa é sacudida pela voz opressora do trabalho, intimando-a à peleja. Sim. Sabe-se que o trabalho por si não é algo ruim, sofrível. Ao contrário, trata-se de um fenômeno, um evento no qual encontra-se prazer e sente-se numa conexão com as demais pessoas. Isto, claro, quando a pessoa está trabalhando, jamais sendo explorada, escravizada. O que se sabe também é que a falta de lazer em nossa sociedade moderna, contemporânea, eletrônica e digitalmente equipada é uma questão de saúde pública. Até porque, com raríssimas exceções, quando fala-se de lazer, trata-se de um lazer mercadoria, um lazer privatizado, espremido nos centros de comércio (Padilha, 2012: 1). Nestes tão apressados e conturbados séculos de escalada capitalista, percebemos que, numa velocidade vertiginosa, tudo vai sendo transformado em lucro. Com isto, pode-se afirmar que implanta-se, cotidianamente, uma coisificação, despindo de sentido tudo que impulsiona a pessoa para seus desejos de liberdade, de alegria, de prazer e autonomia. Com isto, cria-se uma desarticulação, engessando o sentido do trabalho, que já foi uma expressão de sagacidade, de sensibilidade, de habilidades artísticas e expressão de valores culturais. Conforme debatido por Hélio Jaguaribe, a história sofreu os impactos destas transformações e caminha para um visível desengajamento,

dando espaço a este silêncio opressor com o qual as máquinas do capitalismo esmagam as forças produtivas, trituram corpos ativos e traduzem tudo em lucro.

A aceleração da história, induzida pela aceleração do progresso tecnológico, leva inicialmente a uma progressiva tecnologização da vida. A relação homem-natureza se converte predominantemente numa relação homem-tecnologia. A contínua aceleração desse processo, entretanto, conduz a um progressivo esvaziamento da história (Jaguaribe, 2003: 163).

Este processo está criando também o enfraquecimento da força do trabalho, pois o mercado enxerga no trabalhador apenas um meio para produzir lucros, podendo e descartando-o nos primeiros sinais de queda na geração de mais lucros. Nesta sequência, percebemos os sinais deste ataque predatório agindo sem controle e o mundo encontra-se diante de uma brutal degradação da natureza e seus princípios não respondem mais às suas condições primitivas.

A sociedade entrega-se a uma servidão contemporânea e silenciosa, tentando, desesperadamente, agradar a exigência de um mercado predador que sequer a defende como peça valiosa, uma vez que esta peça pode ser rapidamente substituída. Então, não basta mais ao operário vender sua força de trabalho. É preciso agora vender sua força total, sua respiração, sua resistência máxima, pois é um servo contemporâneo, submetido às ações do capitalismo que, pelas ações da burguesia, transforma todas as pessoas e profissões em operários assalariados (Marx & Engels: 2001, 28). Contudo, esta aceitação pode ser apenas um disfarce, para obter a graça de ser parte da moda, como se fosse bacana ser um colaborador, doador de sangue que o capitalista transformará em lucro. Às vezes, o que vemos são pessoas de muitas caras, silenciosas diante do capitalismo e exigentes diante do que pensam ser menor que elas. Neste contexto, são agressivas, sempre prontas para uma batalha, dizendo-se investidas de razão e direitos. Contudo, basta o toque mágico de algum símbolo: o crachá, a logomarca do patrão invisível, o uniforme do mercado e são novamente pessoas subservientes, apáticas, silenciosas às imposições do capitalismo para o qual produzem, em tempo integral, pois estão eternamente conectadas.

Com tristeza e muita cautela, mantendo-se na linha do debate, não seria imprudência afirmar que a sustentação desta rapinagem covarde, está também nas forças por ela exploradas. São estas forças exploradas que, com muita frequência, tornam-se colaboradoras. São vozes que se escondem às sombras de uma falsa

modernidade, com argumentos vergonhosos, mesquinhos e frágeis com os quais sustentam, afirmando, com ações e ideologias vaidosas, que o crescimento tem seus custos, o mundo é dos mais aptos, o mercado exige competidores fortes e por aí seguem. Ou será que estas vítimas colaboradoras são inocentes? Não fosse isto uma doação às garras predatórias, como entender tão assustadora subserviência? Por exemplo: por quais motivos um jornalista, sabidamente explorado pelo sistema ao qual serve, ataca sua cultura, sua gente, o país onde vive, para defender interesses de estruturas das quais ele nada sabe? Contudo, aí daquelas pessoas que atreverem-se a contestar o mercado, a sonharem, apenas sonharem, com a possibilidade de seguirem, pisando fora da moda. Como a moda é ser consumista, ser colaborador e parte da modernidade, para estar no foco das atenções, o indivíduo precisa aceitar o preço, mesmo sendo este a frustração e a servidão contemporânea (Bauman, 2008: 65).

Olhemos novamente para a inquietação que cutucou-nos no começo desta leitura, mirando o facho de luz desta conversa para as artimanhas usadas pelo capitalismo para apropriar-se do tempo, transformando-o em mercadoria lucrativa para poucos e estrutura opressora para bilhões de seres humanos.

Muitas leituras afirmam que as principais mudanças que marcam nossa caminhada são definidas pelos arranjos do tempo. não nos referimos ao tempo mecânico, mas ao tempo primitivo, que não se deixa apreender pelas ordens do lucro e segue como o curso da água. Quando escutamos e observamos os princípios da natureza, seguimos como este rio, como esta água, como este tempo. Sabe-se tratar de situações raras na chamada era contemporânea. Ocasionalmente, contudo, por algum fenômeno social, por ações às quais não se opõe ou às quais torna-se colaborador, a pessoa se lança num redemoinho de velocidade medonha e percebe-se perdida, sem controle de qualquer ação que possa salvá-la das garras de um sistema maior, pois este sistema age desprovido de sentimentos que não sejam os que o fortalecem. Então, passa-se a aceitar imposições nunca antes imaginadas, até mesmo como vítima de fragilidades e desejos. Doravante, aquele tempo natural, que rege a ordem primitiva da natureza e dos animais, dentre os quais estamos, com o qual seguíamos, começa a ser alterado. Daí, vem os sinais de enfraquecimentos, passa-se um dia sem dizer não, cumpre-se as ordens recebidas, por mais absurdas que sejam, o sol aparece com mais dias e passa-se mais esta jornada sem dizer não, o silêncio parece aceitável e já torna-se possível aguentar sua presença. Como não atenta-se mais à condição humana,

primitiva e sensível, não se tem mais tempo sequer para perceber as mudanças que sacodem a existência da sociedade da qual é parte. A ordem na qual a pessoa seguia antes, ainda permanece, mesmo contra sua percepção. Os acidentes pegam-na desprevenida em qualquer deslize, por menor que seja. É quando o tempo é desviado por algum detrito, até mesmo por uma brisa que passa, e tumultua as estruturas nas quais tentamos nos apegar (Lightman, 1993: 14).

Podemos apontar nossa leitura para momentos em que se discute o tempo como primitivo, o equilíbrio da natureza; biológico, o equilíbrio dos animais, onde nos incluímos, ainda que não muito bem adaptados, e o tempo mecânico, das máquinas, do relógio, dos compromissos nos quais nossa sociedade enrosca-se e se debate em desespero, que podemos denominar também como tempo social, transformado num teatro onde embates terríveis acontecem, entre o capitalismo e todos nós, proletários e proletárias de todos os sonhos. Nossa leitura remete-nos, no entanto, a um tempo que, para muitas pessoas, passa sem que dele se tenha o mínimo controle. Falamos do tempo material, que rege as ações sociais, com foco na ganância, que transforma o tempo natural, biológico e social em produto de valor, onde o lucro e a produtividade, regidos pelo mercado, são as únicas leis possíveis. O capitalismo organiza-se de tal modo que a força de trabalho só tem sentido como geradora de lucros, sejam as ações de um tecelão, de um joalheiro, de um professor, de um camponês, importa somente o produto final e é por este produto que este tempo de trabalho será compensado (Marx, 1996: 310).

As armadilhas que transformaram as pessoas em peças produtivas desta servidão contemporânea.

Dias tensos, dias e noites de impaciência, de intolerância, de pressa, de indivíduos exigentes e nada dispostos a um mínimo de reflexão sobre as razões de outros indivíduos ao não sacrificarem-se pela satisfação de vontades ambiciosas, materialistas egoístas. Dias e noites que definiram e definem a tão penosa adaptação de nossa espécie humana aqui na Terra. Estas considerações encaixam-se tanto nos dias tecnológicos do século XXI, quanto nos dias de experimentos e invenções das engenhocas e engenhosas máquinas que transformaram e transtornaram a sociedade humana, nos últimos séculos.

Nesta mesma sociedade tão exigente e agressiva, deparamo-nos com um silêncio perturbador, desafiado quase sempre apenas pelos gemidos de milhões, até mesmo bilhões, de indivíduos que suportam os mandos e desmandos, não de uma pessoa, de um patrão ao qual dedica-se alguma consideração, mas de um sistema sem corpo físico, sem aparência física, sem presença física. Porém, um sistema com uma presença metafísica densa, simbólica, representativa, coercitivo e aterrorizante. As mesmas pessoas exigentes, intolerantes, que apresentam-se como éticas, de bons costumes, não resistem segundos sequer e silenciam-se diante das ameaças deste sistema que só tem sentimentos para o que dá lucro. Desta feita, apáticas e silenciosamente estas pessoas emprestam suas habilidades, sua força produtiva e suas vidas a este sistema autoritário e o incorporam com orgulho. Trata-se, é claro, de um embate medonho, pois este sistema que aperfeiçoa-se a cada milésimo de segundo, na artimanha de criar necessidades, propagandear soluções, resoluções, perdões, gozos nunca antes imaginados. No entanto, sabe-se, ainda que intuitivamente, que são apenas promessas falaciosas e lucrativas. Este sistema ao qual a sociedade se curva, que a esta sociedade impõem um silêncio perturbador, é perito em ofertas. Porém, jamais o foi em satisfações. O capitalismo é especialista na criação de vontades, sensível e sagaz para despertar desejos. Contudo, jamais dedica-se a resolver problemas, até porque é um sistema parasitário que jamais agirá em defesa de suas vítimas (Bauman, 2010: 8).

Estamos sim diante de um desafio que nos permite poucas saídas. Optando por render-se aos desmandos do capitalismo, entregar-se-á ao sacrifício, pois trata-se de um sistema exigente, egoísta e insaciável. Se a opção for afrontar tal predador, decidindo-se pela saúde, pela vida e não apenas pelas migalhas da sobrevivência, recusando a sina de servidão contemporânea, que se esteja consciente da labuta a ser travada, pois os dispositivos deste mesmo sistema, por seus milhões, quiçá bilhões de colaboradores e defensores entrarão em ação, cuidando da exclusão de quem assim agir. Então, cabe aqui algumas provocações. Por que a pessoa entrega-se a este sistema insaciável, sem sinais de resistência, sem protestos, com tanto voracidade? Por que a pessoa deixa-se às ordens deste sistema que tanto oprime e não esboça reações contundentes? Por se encontrar desestabilizada, separada das condições primitivas, com as quais nossa espécie caminhou firme, escorregou, caiu, levantou-se, combateu, foi ferida, feriu e, a trancos e barrancos, deixou suas marcas e nos possibilitou chegar a este ponto de nossa existência? Podemos argumentar também

que a pessoa entrega-se às exigências do capitalismo, sem resistência, porque foi reprogramada, na linguagem dos conceitos das conquistas tecnológicas? O que podemos perceber, pelas condições nas quais segue esta sociedade contemporânea é que, por tantos sinais, estas pessoas acreditam que restaram-lhes apenas expectativas de sobrevivência e conformam-se com migalhas. Adentrando um pouco mais em nossa leitura, encontraremos conexões deste desequilíbrio em uma de nossas mais sublimes características, a ludicidade. As pessoas, com interesseiras exceções, em todas as épocas às quais a história nos leva, jamais dissimularam uma grande preferência pela diversão. Tanto que, nos conturbados dias e noites de crescimento do capitalismo, os sociólogos viram-se obrigados a estudar e discutir o que chamaram de problemas do lazer ((Thompson, 1998: 302).

Ora, estando conectado ininterruptamente, com bilhões de olhos a seu serviço, o capitalismo observa e absorve a pessoa, como ela jamais gostaria que acontecesse. Deste modo, a pessoa pode dar-se o direito ao pânico, pois está grampeada, até mesmo enquanto dorme, pois lá estão dúzias de aplicativos vigiando-a. E, que ninguém se deixe enganar, estas informações são acessadas pelo capitalismo e processadas, pelo bem do crescimento da riqueza daquelas pessoas que, como se sabe, são mais pessoas que as outras (Orwell, 2007: 106).

Sabemos que apreciamos a complexidade. Admitimos a força que o não tocável exerce sobre o imaginário de nossa sociedade. Estaria aqui mais uma ponta da corda usada pelo capitalismo para arrochar seu comando sobre nossa já pouco ativa busca de autonomia? Sim. Assim foi. Ao descobrir nosso gosto pelo extraordinário, pela magia, pela fantasia, pelo lúdico, pelo engraçado, pelo jogo do faz de conta, a sagacidade do capitalismo foi tomada por um estremecimento de cobiça e o sistema do lucro percebeu ali, em nossa queda pela alegria, pela fantasia, a mina das incontáveis minas de onde viriam riquezas incalculáveis. E vieram! Como eram e são incalculáveis, incluíram nos cálculos destas riquezas apenas algumas pessoas, felizardas e distintas. E a grande massa, segue divertindo-se, quando isto é possível. E assim se processa este engessamento. Pela brincadeira, somos fígados com muita facilidade (Benjamin, 2012: 271).

Tomaremos novamente como ponto para o qual direcionamos o fecho de luz deste debate, que dá sustentação à nossa leitura, o momento motor, a segunda metade do século XVIII, que deu impulso ao capitalismo. Naquele momento, a sociedade, entrava em ebulição, sacudida pelas inúmeras transformações com as quais aquela

complexa estrutura forjava as bases de um sistema que buscava o lucro acima de tudo. Como é previsível, com a cautela necessária a este conceito de previsibilidade, nestes momentos de buscas frenéticas, de espertezas nem sempre involucradas em cores escrupulosas, chegavam também as perturbações sociais, as revoltas, as lutas das classes operárias que se despontavam e tantos outros movimento, como os organizados pelas mulheres (Martinho, 2011: 197). Estas agitações, se por um lado provocaram alguns escorregões na velocidade da ganância do mercado, por outro foram definitivas para impulsionar as propulsões mecânicas nas quais as máquinas chagavam, atropelando, fazendo barulho, sufocando as vozes que pediam respeito e impondo, já naqueles dias, um silêncio visível em muitos grupos que precisavam lutar também em busca de uma sobrevivência minguada. Estas transformações, impostas pelo sistema em ascensão, o capitalismo, provocou e intensificou uma ruptura medonha na marcha na qual a sociedade seguia.

Como estamos direcionando nossa leitura também para uma Revolução Capitalista, não nos deteremos no momento europeu e a Revolução Industrial ali vivida, visto que nossa conversa mira, principalmente, nas consequências do que ali foi forjado. Consequências das quais brotaram, dentre outras, a ditadura do consumo, sob a qual geme nossa sociedade, debatendo-se nas degradações da servidão contemporânea.

A velocidade com a qual as máquinas aceleravam o tempo e mudavam, definitivamente, a vida das pessoas, também impulsionava o mundo, com raríssimas exceções, a uma batalha na qual pouca coisa restaria intacta. Em menos de três séculos, que passaram-se apressadamente, tornou-se impossível reconhecer o mundo, tendo como referência os dias passados. E não se trata aqui de uma lamentação saudosista, apenas não se atropela o senso de percepção das alterações avassaladoras aqui debatidas.

A Revolução Capitalista seguiu em alta velocidade, atropelando os princípios da natureza e mudando a vida em sociedade, até nossos dias, para uma direção sem retorno possível, ou previsível. Muitos sinais indicam que naqueles dias, na agitação da segunda metade do século XVIII, com suas conexões com as transformações culturais de dias não muito distantes, as pessoas perceberam que mudavam-lhes também o tempo (Thompson, 1998: 272).

Ao ver-se fora do controle de suas práticas, até então naturais, regidas pelos sinais da natureza, a sociedade começou a buscar amparo, não mais para voltar ao que

era e tinha antes, mas para adaptar-se às novas exigências. As pessoas passam a ter como referência de tempo não mais os sons de suas práticas cotidianas, os animais, os sinos das igrejas e sim os apitos estridentes das fábricas, que traziam progresso e barulhos assustadores, muitos distúrbios, enfermidades, perdas para milhões e lucros para alguns poucos. Assim, o tempo, um fenômeno natural, primitivo, com o qual as pessoas harmonizavam-se, foi modificado, matematizado e o capitalismo dele apropriou-se, transformando-o em mercadoria (Elias, 1998: 40).

Desta feita, o ataque desferido contra as resistências das massas proletárias havia alcançado grandes resultados, dando à burguesia, ao mercado, ao capitalismo, as armas com as quais o mundo seria retalhado, as fronteiras seriam inventadas, para serem rompidas, identidades seriam ignoradas, culturas seriam desmanteladas. E foram! Tudo isto foi possível. A rapinagem, abençoada pelo sistema religioso hegemônico da época, peça fundamental nestes saques mundo a dentro, ignorava até mesmo a possibilidade de alguma resistência. A sociedade já estava bem domada. As pessoas, como manadas, bandos, grupos, perdiam suas raízes e não saberiam mais agir pela própria vida. Sobreviver já era um privilégio.

Ao serem separados de seus ambientes de trabalho, afastados do mundo no qual suas vidas eram ordenadas, os trabalhadores perderam suas forças primitivas, tornaram-se frágeis, domináveis e dominados foram, com o amparo de leis despóticas e o tempo passou a ter outro significado na vida destes desabitados. Foi quando despontou-se, nas ações do grande produtor, da burguesia e do mercado, as bases do capitalismo, fortalecidas e enriquecidas com a desapropriação de terras e a apropriação da mão de obra e do tempo daquelas pessoas, tornando-as fontes de lucro para o capital (Marx, 1996: 340).

Poderíamos dizer que, com a desapropriação de terras, o fortalecimento das cidades, a apropriação da mão de obra, transformando milhares de trabalhadores em seres exploráveis, a burguesia já estava no comando, saboreando o sucesso desta guerra cheia de conquistas. Contudo, a consumação mostrar-se-ia sem volta somente no momento em que percebeu-se que era preciso governar também o tempo daquela massa produtiva. Isto foi feito, com muitos problemas, resistências, movimentos renitentes, mas o mercado venceu, o capitalismo triunfou e o lucro estava em marcha, pois haviam mudado os valores culturais, dominado a resistência de algumas gerações e conquistado também o tempo. É claro que não tratava-se de uma apropriação nova, pois há muito o tempo tornara-se matéria prima, no sentido de valoração, com a qual

o capitalismo lucrava, numa subida vertiginosa. Isto tornara-se mais evidente e mais opressor com a invenção do relógio e alteração do tempo na vida das pessoas (Tompson, 1998: 284).

Corremos perigo, correndo na direção das tentações capitalistas.

Neste ponto de nossa conversa o facho de luz de nossa leitura direciona-nos para algumas inquietações às quais se deve temer. Se não adianta fugir, é preciso desconstruir e tornar-se parte dos movimentos que causaram o desmoronamento destes castelos que ergueram em nome do lucro, graças às forças, ao suor, aos gemidos das pessoas que ousaram resistir, numa labuta tão árdua, que mostrou-se impiedosa em todos os instantes. Ora, será que não se aprendeu nada com os passos dados? Será assim tão difícil torcer, um pouquinho apenas, o pescoço, girar a cabeça, numa espiada rápida, para observar o passado e absorver lições e ferramentas para resistir a esta afronta de agora? Sim. Resistir é possível e necessário. Contudo, faça com discrição, para não ser percebido e denunciado como desleal ao sistema que tanto lhe oferece. Oferece muito. Porém, nada entrega. Então, é preciso virar a cabeça e recuperar um pouco da memória o sistema quer tanto roubar. É preciso olhar, ver, antever, perceber as ações com as quais centenas, milhares, milhões de pessoas desafiaram o sistema capitalista. Claro que sim. Destas pessoas, muitas pereceram. Isto pode ser mais um motivo para não se permitir que aquelas ações e conquistas sejam apagadas totalmente. É claro que a labuta será medonha, pois sabemos que o sistema que nos explora tem pavor da possibilidade de ainda restar viva em alguém esta força avassaladora, denunciadora e libertadora chamada memória. (Muniz, 2005: 207).

Quantas lutas para que tivéssemos nossos direitos reconhecidos. Quantas lutas para que o proletariado fosse respeitado e pudesse viver com um pouco além das migalhas deixadas para sua sobrevivência. Ora, que ninguém se iluda, trata-se de uma classe trabalhadora, uma massa, dispersa, com identidade esmigalhada. Ainda assim uma classe, ainda que distante, geográfica e fisicamente. Contudo, querendo ou não a vaidade moderna de muitas vítimas deste sistema, vive-se numa servidão contemporânea e somos sim proletários, sem representação. O que torna-nos mais vulneráveis e com mais necessidades de ações.

Após muitos embates, numa leitura rápida e corajosa, é impossível não reconhecer a força destes movimentos e perceber as conquistas importantes que destes brotaram e sacudiram o sossego da burguesia, provocando alguns incômodos nas engrenagens do capitalismo (Martinho, 2011: 200). Resultados que alguns chamam até de privilégios. Doze, dez, oito, até mesmo seis horas diárias de trabalho. Descanso semanal, licença maternidade, de até seis meses, atentando-nos às pessoas que vendem sua força de trabalho ao serviço público federal brasileiro, como exemplo. Assistência à saúde, férias remuneradas. E ainda poderíamos elencar mais algumas conquistas valiosas. Ao lançarmos nosso facho de luz sobre estas conquistas as perguntas são óbvias: onde estão tais conquistas, na existência de milhões, sim, bilhões de pessoas? Se estes privilégios, estes direitos existem, por que há tanta insatisfação e tantos sinais de convulsões sociais nos ameaçando? Ora, com tantas conquistas, por que então há tantos distúrbios, tantas enfermidades sociais? Ou será que o capitalismo trapaceou novamente?

Sim. Trapaceou! Alardeavam as vozes interesseiras e desavergonhadas das propagandas que, com o advento da tecnologia, com o avanço industrial e com a modernização do mundo, as pessoas necessitariam de uma quantidade imensurável de profissionais na lida da arte, das diversões, pois com mais direitos, mais riquezas, menos horas de trabalho, as pessoas teriam tempo de sobra e precisariam ocupar este tempo com cultura, lazer, brincadeiras para as crianças, esporte para quem desejasse e seria o paraíso. Será isto que se vive nestes dias agitados do século XXI, que nem bem começou a já está recheado de acontecimentos assustadores? Será que há mesmo tanta alegria nesta sociedade contemporânea? Esta leitura nos mostra sinais adversos destas promessas. As pessoas não conseguem organizar-se, não conseguem adaptar-se aos sopapos do sistema e o que temos é uma sociedade alucinada, sem tempo, sempre atrasada. Tão alucinada e tão atarantada que chega ao absurdo de correr até mesmo atrás do prejuízo. E não devemos ater-nos apenas ao dito popular, pois as buscas escravizantes deste momento em nossa sociedade, buscas valorizadas e até mesmo disputadas aos empurrões por multidões, degradam, adoecem e levam sim as pessoas aos braços do prejuízo. Contudo, como o capitalismo é dotado de muita sagacidade, o que é prejuízo para bilhões de pessoas, é lucro certo e líquido para ele e seus eleitos distintos, discretos e raríssimos.

Podemos pensar sim que aceleramos muito o tempo. desta feita, perdemos o controle, forçamos o motor e descarrilhamos o trem no qual seguimos. Contudo,

apontaremos nosso facho de luz para um ponto que poderá nos eximir de culpas e não seremos acusados por falta de habilidades como pilotos, regentes e maquinistas será que seremos?

Da aceleração à digitalização do tempo. A servidão continua.

Mesmo nesta servidão contemporânea, percebemos, em muitas partes do mundo, movimentos de resistência, de valorização da vida, de apreço à autoestima. Então, mesmo disputando espaço com um sistema tão voraz como o capitalismo, as conquistas antes referidas não desapareceram totalmente. Milhares de pessoas as incluíram em suas rotinas e nelas encontram possibilidades para uma vida saudável. É claro que há sempre ameaças, principalmente pela proximidade com os efeitos deste sistema ágil e apressado.

Percebemos que, desde o ponto motor que definimos como impulso a este debate, a segunda metade do século XVIII, houve uma aceleração do tempo. Uma aceleração da história, uma aceleração nas mudanças geopolíticas que transformaram os hábitos da sociedade. Uma ruptura assustadora, assemelhando-se a um trem, uma coisa, um movimento capaz de gerar sua própria força, sua própria propulsão, seguindo desembestado, num crescendo assustador, sem jamais acenar com sinais de uma desaceleração. Contudo, ainda estamos observando apenas numa pequena curva desta estrada de alta velocidade.

Sabendo da impossibilidade de centrarmos-nos em apenas um recorte histórico local e temporal com precisão inquestionável, decidimos por um momento que sacudiu o mundo, tumultuou o equilíbrio da sociedade e o tempo que já vinha sendo acelerado, numa velocidade assustadora, tomou impulso e foi impulsionado por um evento definitivo em mais esta mudança. Com isto, nosso debate remete-nos não mais à aceleração somente, mas sim à digitalização do tempo.

Com esta digitalização do tempo, redemo-nos e concordamos com as vozes que afirmam ter a engrenagem da sociedade perdido muito de sua graça. A surpresa, tão envolvente, tão provocadora de especulações e curiosidades que tanto bem faz à nossa caminhada cognitiva, não tem mais lugar. Agora, com o tempo digitalizado o evento, é instantâneo, tudo em tempo real, como se diz nos conceitos cotidianos.

Aconteceu no dia 11 de setembro de 2001. Pegando o século XXI em seus bocejos matinais, este evento chegou, tomou seu lugar, assumindo proporções ainda de definição complexa e, sem se preocupar com o espanto de tudo, de todas e de todos, lançou-nos numa era assustada, medrosa, desconfiada, individualista e egoísta. Referimo-nos às explosões que provocaram a queda e destruição das Torres Gêmeas nos EUA, assunto exaustivamente explorado e noticiado. E entramos na era do tempo digitalizado.

Contudo, o capitalismo, que não nasceu ontem, sabe o que faz e quer fazer sempre mais, com sagacidade de dar inveja aos mais terríveis predadores da natureza, assume seu lugar e tudo continua como antes, gerando lucros. Criando riquezas para um grupo ainda mais reduzido e pobreza, miséria e desespero para uma multidão cada dia maior e mais desconectada de si mesma, de suas raízes e de qualquer sinal de recursos para uma reação de autonomia. O capitalismo, frio, ambicioso, sequer lembra-se de agradecer à memória das pessoas que pereceram naquele e tantos outros acidentes dali advindos. Entretanto, o capitalismo sabe que é preciso agir rápido, pois o mercado é competitivo e a ordem mundial deste sistema destemido e ambicioso não será mais alterada (Wallerstein, 2004: 28). Ou será que será? O que se pode afirmar é que aqui a sociedade encontra-se, sufocada pelo sistema do capital que, sem tréguas, luta para dilapidar e roubar os recursos com os quais algumas pessoas ainda resistem. O que se percebe nestes dias contemporâneos é uma massa que perambula, sem tempo para sorrir, sem tempo para produzir o que realmente interessa, por exemplo, boas e engraçadas histórias para nossas crianças e para quem aprecia a grandiosidade do humor que provoca, diverte e liberta, sem tempo para produzir alimentos saudáveis e em abundância, pois é vergonhosa a miséria e a fome com a qual mais de um bilhão de pessoas debatem-se. As pessoas não têm mais tempo para uma boa conversa. A arte vai cedendo espaço ao entretenimento, uma espécie de diversão consumista, mercantilista, egoísta, vulgar e com um forte apelo deformador de opiniões.

E as conquistas das lutas operárias que sacudiram o mundo e disseram ao sistema que a sociedade desejava ser parte da engrenagem, às quais nos referimos em páginas passadas, onde estão? Possivelmente não haverá respostas, o silêncio não falará sob tamanha pressão. Percebe-se, porém, que estas conquistas, estas lutas foram sendo cooptadas, aniquiladas, criminalizadas ao ponto de encontrarem resistência até mesmo na falta de vozes de uma massa que seria a mais beneficiada por sua defesa. Ora, francamente! Quando o operário esquece-se que é vítima e orgulha-se em ser um

colaborador, um parceiro do dono da fábrica à qual doa seu tempo, sua saúde e sua vida, este operário jamais terá interesse, jamais terá coragem de levantar sua voz e exigir respeito. Até porque, como bom cidadão, pagador de impostos e, claro, alienado, desinformado, este operário não dará um vexame, não fará uma cena provocando arruaças. Ele não admite sequer ser qualificado como operário, pois é um colaborador qualificado, diplomado. Não adianta esperar, ele nada dirá nada, pois está em silêncio, atento às ordens do sistema, esperando, desesperadamente, por uma mensagem, despida de sentido, que poderá chegar em seu celular, com aplicativos que consomem soma significativa de seu mísero ordenado. Ele prefere e ficará em silêncio, a menos que outro operário, alguém da massa, algum igual, ou menos igual que ele, também vítima da ganância do capitalismo neste tempo digitalizado, possa representar- lhe alguma ameaça. Neste caso ele reagirá e exigirá que respeitem seus direitos, ainda que sequer saiba o que significa ter direitos.

Ao alterar as regras sobre trabalho, apropriar-se do tempo das pessoas e mudar a relação destas com a natureza, o capitalismo foi aos poucos transformando-se numa força capaz de ditar as ordens para qualquer estado. Seja um Estado Nação ou um simples estado de coisas. Hoje, consolidado, imperando sem reconhecer ameaças, este sistema comporta-se como um estado, acima de tudo, de todas e de todos. Sequer precisa de uma estrutura física. Representa-se e é representado numa engrenagem imaginária. Manifesta-se como parte essencial de uma sociedade imaginária, onde as pessoas contentam-se com uma felicidade imaginária, que se desarticulam numa cultura imaginária, dentro deste estado imaginário, regido pelo mercado capitalista (Anderson, 2008: 68).

É claro que esta servidão não surgiu assim, num toque mágico. Trata-se de uma peleja, por parte de muitas pessoas que teimaram e ainda teimam, recusando o desconforto deste cabresto. Com alguns direitos conquistados e até experimentados por muitas e muitos, vozes raríssimas, numa multidão como a que nos rodeia, a sociedade, em momentos distintos, deu sinais de uma possível e até ameaçadora desaceleração do tempo social, mecânico e material. Foram sinais sutis. Contudo, gritantes aos olhos atentos do mercado. O capitalismo percebeu logo que o ser humano, sendo um animal brincalhão, dado a fantasias está habilitado para sentir-se até feliz com o mundo do faz de conta. No entanto, o capitalismo percebeu também que a pessoa que estava atrevendo-se a gozar férias, ler bons livros, conversar com outras e outros no tempo livre que havia conquistado com lutas ferrenhas, estava

ameaçando a ordem, podendo ser um péssimo exemplo. Isto jamais! Um atrevimento. Um sacrilégio. E levantam-se as vozes para avisar que o lazer já foi criminalizado, reconhecido como fonte de atraso. Portanto, somente no trabalho, no esforço duro está o sagrado (Weber, 2014: 73). E assim, os colaboradores do sistema agem com austeridade e ensinam a arte da obediência, da doação. Porém, não avisam que a pessoa está sendo treinada para uma marcha insossa, na qual a recompensa será a certeza de que, se há algum prazer no mundo, só será encontrado no trabalho, enquanto se produz lucros para o capitalismo.

Muito bem, ou nada bem, como conceituaria a sabedoria dos ditos populares. A roda girou, em velocidade sempre mais apressada, a Revolução Capitalista foi apertando o cerco, ocupando os mínimos logradouros imagináveis a fugas e resistências, dominou o mercado, domesticou o ímpeto revolucionário e sensível das classes trabalhadoras e concretizou sua ordenação, por um sistema mundial de acumulação, dominação e organização de capital. Afinal de contas,

O capitalismo é a primeira forma econômica capaz de propagar-se vigorosamente: é uma forma que tende a estender-se por todo o globo terrestre e eliminar todas as demais formas econômicas, não tolerando nenhuma outra ao seu lado (Luxemburg, 1984: 98).

é por isto que o capitalismo conseguiu uma reserva de mão de obra abundante, com a grande vantagem de ser ambulante, sem a necessidade de preocupar-se com direitos e outras reivindicações. Sem modéstia na utilização de suas forças predatórias e sagazes, neste momento de nossa leitura, como evidenciado em páginas aqui viradas, o capitalismo conseguiu dominar também o tempo, transformando-o em mercadoria. Os sinais eram promissores. A dominação parecia completa, ou quase, pois a história mesmo também tem lá suas leis e, às vezes, teima em seguir sem pedir permissão.

Novamente nossa leitura leva-nos às possíveis respostas às inquietações sobre as artimanhas com as quais o capitalismo físgou-nos e transformou-nos em seus colaboradores e servos, contemporâneos, claro.

Sabendo que a sociedade é formada por pessoas sensíveis e vulneráveis a tantos símbolos e dispositivos, o capitalismo e seus agentes colaboradores descobriram logo que estas pessoas, com raríssimas exceções, entediam-se com facilidade, desistem logo de alguma peleja e não suportam a quietude. Ademais, descarta com desdém o que acabou de adquirir com árdua labuta. E estas sensações

são ameaçadoras para todas e todos (Schopenhauer, 2005: 38). Daí, num rapidíssimo estalar de dedos, as ofertas surgiram e já estava à disposição da sociedade do consumo uma infinidade de geringonças tecnológicas e digitais, capazes de proezas das quais as pessoas mais primitivas jamais tomarão consciência. Até porque, se estas geringonças eram a última onda, agora, duas horas depois, já são ultrapassadas.

Contudo, não foi assim tão simples. O sucesso das artimanhas de dominação em massa que o capitalismo usou para implantar sua revolução e usa para manter as pessoas encabrestadas, deve-se à curiosidade, à vaidade, principalmente, da espécie humana. Desta feita, com o comando sob suas ordens, o capitalismo triunfa e assistimos esta marcha obediente na qual as pessoas seguem, apáticas, dóceis, com as próprias ações, usando suas próprias ferramentas, obedientes às ordens do sistema do lucro, para o bem do mundo e de quem está na lista seleta e excludente das riquezas.

Ao ver-se no meio destas maquininhas digitais, a sociedade sentiu-se realizada, pronta para tudo, sem sair de casa, sem esperar, sem precisar sequer de relacionamentos com outras pessoas. Umas coisinhas danadas, que se compra como dádivas tecnológicas, mas que são uns brinquedinhos com os quais o capitalismo engambela o mundo. E o mundo, agradecido, paga com a colaboração e o silêncio. Estas maquininhas são peritas na fabricação de pessoas dispostas a tudo para serem partes desta imensa servidão contemporânea.

Com estas maquininhas: celulares, computadores, tabletes, e o que mais se possa imaginar e esperar das indústrias especialistas em futilidades descartáveis, as pessoas lançam-se à execução de tarefas pelas quais nada ganham e com as quais geram lucros para o capitalismo. E acreditam que são espertas, dominam as tecnologias e estão na moda, pois exibem-se sem sequer pensar que para tudo pode e deve haver um certo limite. Em nossos dias, compra-se, paga-se, vende-se, estuda, sem questionar o que está sendo absorvido, tagarela, informa-se, desinforma-se, conspira, aterroriza, constrói, destrói e dizem até que há relacionamentos que chamam de amizades, tudo com alguns toques de apenas alguns dedos. Tudo sem sequer levantar-se do sofá, para muitas e muitos, sem sequer diminuir a velocidade do carro, pois são pessoas apressadas e usam sempre suas maquininhas enquanto estão dirigindo. As pessoas modernas fazem o trabalho das grandes empresas, usando os caixas automáticos para pagar, executar tarefas variadas, no estacionamento, nos aeroportos, nos supermercados, nos bancos e, sabe-se lá onde mais, protegendo o capitalismo das amolações trabalhistas, das despesas com empregados. Com isto, a

sociedade segue, gerando lucros estratosféricos para o mercado, provocando falências, desemprego, desilusões e miséria, pois sem os custos que foram eliminados pela digitalização do tempo, só algumas poucas pessoas encontram espaço no mundo enlouquecido do trabalho.

Resistir é necessário. Se não, esperar é possível.

Acreditando que está apenas se divertindo com estas geringonças digitais, a sociedade continua consumindo, numa quase alucinação, tudo que lhe é ofertado e, em silêncio, segue produzindo riquezas para o capitalismo. Enquanto se sente uma pessoa sofisticada, na moda, top, VIP, empoderada e muito bem informada, com as maquininhas digitais pelas quais se paga tão caro, a pessoa entrega-se a uma subserviência imoral e torna-se parte fiel desta servidão contemporânea.

A servidão é tamanha que nestes dias e noites pagamos para o capitalismo usar os resultados de nossas tão árduas labutas e, não satisfeito com esta exploração, este sistema perverso obriga-nos a trabalhar para ele, sem sequer dar-nos o direito de questionar tais rapinagens. Para isto, a tecnologia entope o mundo com suas geringonças digitais, máquinas, caixas automáticos em todos os lugares, sem a presença humana, pois geraria custos, retira a alegria das pessoas, pois inunda a arte, as relações humanas com medos, vulgaridades e futilidades que nem mesmo servem para reciclagens futuras.

Pretendemos, com estas palavras que anunciarão uma pequena pausa neste debate, provocar mais inquietações, que provoquem outros debates. Desejamos que este artigo seja o início de um começo para leituras transformadoras. Com as palavras que se seguem, convidamos você, pessoa destemida, a tomar parte nesta conversa.

Sim, o silêncio é perturbador. Contudo, é preciso seguir. Afinal, tempo é dinheiro e dinheiro é vida para o capitalismo. O resto, bem, o resto continua sendo silêncio. Ou será que não? Quem disse que alguém disse que não se pode ousar.

O que se perderá? Sim. O que se perderá, caso decida-se romper com este silêncio? Dirão que é uma loucura, uma afronta ao sistema que tudo comanda. argumentarão que as pessoas pouco sabem sobre economia, que o povo, nada entende sobre geopolítica, que as engrenagens do mercado são para especialistas. Ameaçarão dizendo que o mercado está agitado. O sistema está nervoso e todo cuidado é pouco.

Ora, francamente! A desfaçatez é tamanha que o tal mercado tornou-se uma entidade, defendida e propagada pelas vozes de seus colaboradores, principalmente nos veículos de informação e desinformação.

Será mesmo que as pessoas sabem tão pouco sobre o que deseja, sobre o que se pode e sobre o que precisa ter? E se, ao invés de se deixarem ao silêncio opressor deste sistema ganancioso, as pessoas falarem? Sim. O povo, esta estrutura complexa e assustadora aos desatinos do sistema, o povo têm muito a dizer. Nós, todos nós, operários, proletários, labutadores na lida da sobrevivência, temos sim o que dizer. Podemos e devemos trocar ideias, antecipar informações com as quais podemos e devemos sensibilizar nossas crianças. De nossa parte, assumimos o risco e afirmamos que não estamos assim, tão abatidos. Portanto, mesmo não sabendo muito, matutamos, teimamos e desconfiamos de algumas coisas bem encrocadas (Rosa, 2001: 31). Ora, francamente! Se a pessoa acreditar que não sabe o que está fazendo e não se mover, esperneando, buscando saídas por leituras corajosas e sensatas, o problema será dela. A roda seguirá girando, o estado imaginário do capitalismo, com suas garras ágeis, não agirá com escrúpulos e será capaz de abater a sociedade, sem distinção, sem explicações, sem culpar ninguém, jogando a carcaça de quem não aguentar as mordidas nos entulhos de algum terreno abandonado (Kafka, 2013: 226).

O tempo, já totalmente fora de controle, seguirá denunciando a morte da curiosidade, a falência da criticidade, a deterioração da autoestima e o capitalismo continuará lucrando às custas de nossas atitudes, ainda que sejam estas sinais de nossa indecisão, de nosso silêncio e de nossa falta de ações defensivas.

Como pessoas sensíveis, ainda que já bastante castigadas, bastante estropiadas pelos trancos desta labuta danada, cabe-nos uma pergunta, para muitas reflexões. Será que não sabemos mesmo o que estamos fazendo? Se não sabemos, o comprador de nossa força de trabalho sabe. A mídia sabe. A indústria da propaganda sabe. O mercado sabe e o capitalismo, este sim, mais que tudo, todos e todas, sabe o que estamos fazendo e o que devemos fazer por ele e para ele. o capitalismo sabe o que quer, sabe o que faz e o faz com voracidade, sem sentimentos que não sejam acariciados pelo lucro. Contudo, o capitalismo não saberá e nunca desejará resolver nossas encrencas. Com o capitalismo não ha diálogo. Com este sistema perverso não estamos seguros. Ou estamos? Será melhor o silêncio, ou ousaremos perguntar pelos lucros adquiridos pelas ações de nossas forças, força do trabalho que vendemos. Será apenas migalhas o que nos tocará?

Sim. Podemos exigir o que nos é de direito, pois é resultado de árduas, doloridas e até mortíferas pelejas. Ora, o que poderão nos roubar, mais que já o fizeram em nome do lucro? Por mais curvas que procurarmos, por todos os sinais aqui atingidos pelo facho de luz deste nosso debate, perceberemos que podemos e devemos concordar com as palavras que nos cutucam nos ecos da história das lutas de classe e ousaremos afirmar que a melhor saída é entrarmos nesta peleja e rompermos com este silêncio ao qual nos submetem em nome do capitalismo. Se perdermos alguma coisa serão as grades, o cabresto, os grilhões (Marx, Engels, 2001: 84)!

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. “*Tempo e História*” in *Infância e História – Destruição da Experiência da História*. São Paulo: Saraiva, 2008.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo parasitário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- JAGUARIBE, Hélio. *Tempo e história*. in *Tempo dos Tempos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- LIGHTMAN, Alan. *Sonhos de Einstein*. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.
- LUXEMBURGO, Rosa. *A Acumulação de Capital*, vol. 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- KAFKA, Franz. *O Processo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.
- KOSELLECK, Reinhart. *Entrevista a Sebastián e Fuentes*. In *História dos conceitos, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Edições Loyola. 2006.
- MARTINHO, Francisco Carlos Palomares. “*Resistências ao capitalismo: plebeus, operários e mulheres*” in REIS FILHO, Daniel Aarão (et all). *O Século XX*, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: L&PM, 2001.
- MARX, Karl. *O Capital – Livro I - Tomo II*. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

- MUNIZ, Durval. *História: redemoinhos que atravessam os monturos da memória*, in *História: cultura, sociedade, cidades*. Recife: Bagaço, 2005.
- ORWELL, George. *A evolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PADILHA, Valquíria. *A sociologia vai ao shopping center*. São Paulo: Revista Ciência Hoje – Vol.40- nº 237. 2012.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. São Paulo: Nova Cultura, 2005.
- THOMPSON, Edward Palmer. “*Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial*” in *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *World-System Analysis: an introduction*. Durham: Duke University Press, 2004. Formato Digital – pdf.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito do Capitalismo”*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WOOD, Ellen. “Capítulo 4. *A origem agrária do capitalismo* in *A Origem do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.